



AESE
ESCOLA DE DIRECÇÃO
E NEGÓCIOS

Publicação: quinzenal
Director: J.L.Carvalho Cardoso
Editor e Proprietário: AESE
Impresso por: Cromaticamente
Depósito legal: nº 21228/88
Preço: € 1

CORREIO DA AESE

24º Ano

Nº 554, 1-4-2011

PANORAMA

Nações Unidas fiscalizam o dinheiro dos ditadores

A corrupção é um dos males que arruinam as relações internacionais do ponto de vista político e económico. Hoje, mais do que nunca, é necessário o trabalho realizado por organismos internacionais como o Banco Mundial ou a OCDE para perseguir e sancionar este tipo de acções. No entanto, as agências da ONU devem acautelar-se também para não serem incoerentes

Enquanto o programa StAR (Stolen Asset Recovery Initiative), impulsionado pelas Nações Unidas e pelo Banco Mundial, procura tecer uma grande rede de países que actue de modo coordenado para identificar e reter fundos obtidos ilícitamente por ditadores, a UNESCO propôs-se instaurar o Prémio Internacional Obiang Nguema Mbasogo, financiado com 2,43 milhões de euros, doados pelo próprio presidente da Guiné Equatorial, com conhecida fama de corrupto.

Ora precisamente segundo o StAR, calcula-se que o dinheiro roubado anualmente nos países em vias de desenvolvimento, através de subornos, apropriação indevida ou qualquer outra forma de corrupção, oscile entre os 20 000 e os 40 000 milhões de dólares, número que comparativamente representaria quase 30% das ajudas destinadas ao Terceiro Mundo. Dessa quantia, só se conseguiram recuperar 5 000 milhões de dólares nos últimos 16 anos. Um dinheiro que serviu para aliviar parcialmente a pobreza de alguns países. Segundo o Banco Mundial, por cada 100 milhões de dólares recuperados, é possível financiar o acesso a água potável de 250 000 lares, ou o tratamento médico de mais 600 000 pessoas com SIDA.

Até agora, os fundos retidos pelo programa StAR em colaboração com países como a Suíça e os Estados

Unidos estão relacionados com ditadores ou políticos corruptos que foram condenados, destituídos ou que faleceram. Aos casos de Ferdinando Marcos, nas Filipinas, Sani Abacha, na Nigéria, Vladimiro Montesinos, no Peru, ou Jean Claude Duvalier, no Haiti, juntaram-se recentemente o do ex-presidente das Maldivas, Maumoon Abdul Gayoom, e dos seus parceiros de poder, que governaram o país durante os últimos 30 anos até terem sido derrotados em eleições livres realizadas em 2008.

Um relatório do auditor nacional das Maldivas apresentado em 2009 salientava que os gastos realizados pelo ex-presidente Gayoom estavam totalmente fora de controlo e ilustrava essa afirmação com os 9,5 milhões de dólares gastos na compra de um iate, ou os 17 milhões destinados a reformar o palácio presidencial e as casas de alguns dos seus familiares.

O trabalho do programa StAR parece passar despercebido à UNESCO, que somente em face do aluvião de críticas por parte de organizações internacionais relacionadas com os direitos humanos e de alguns países membros da ONU, decidiu reconsiderar a idoneidade da constituição do Prémio Internacional Obiang Nguema Mbasogo. O ditador da Guiné Equatorial tinha-se comprometido a doar quase 2,5 milhões de euros para dotar este prémio, com o qual se pretendia reconhecer as conquistas científicas que melhoram a qualidade da vida humana. A directora-geral da UNESCO optou por adiar a decisão até obter consenso, o que já se sabe não será conseguido, isto apesar de Espanha, China e alguns países africanos se terem mostrado favoráveis à iniciativa.

Da luta contra a corrupção não são responsáveis unicamente os países, pois também o são as empresas multinacionais que alargam a sua actividade pelo estrangeiro. Por vezes, as barreiras de entrada, as diferentes legislações ou a corrupção dos governos deixam a porta aberta para que as multinacionais recorram às más práticas de modo a facilitar ou fechar as suas operações empresariais.

Pela primeira vez, a OCDE tornou públicos dados sobre o esforço realizado por parte dos 38 países que integram a Convenção Anti-Suborno da OCDE. Desde 1998, foram sancionadas 148 pessoas

e 77 entidades por efectuarem subornos na sua actividade internacional. Pelo menos 40 das sanções individuais terminaram em condenação a prisão, e as sanções a empresas foram 1240.

■ Não grite, por favor

Nos últimos anos, surgiram diversas iniciativas destinadas a fazer baixar o clima de críspação que muitas vezes se vive em sociedades em mutação. Embora os seus promotores sejam muito diversos (há pessoas de esquerda e de direita, crentes e não crentes...), todos partilham a ideia de que é possível discordar dos que pensam de forma diferente sem necessidade de perder a cabeça nem de insultar.

Os processos de mudança cultural acarretam transformações nos costumes e valores de uma sociedade. Nesta altura, não é fácil manter a calma se alguém vê que são precisamente os seus valores que estão a ser substituídos por outros. O mal-estar agrava-se se se considera que, com essa troca, a sociedade fica a perder.

Para limar estas discrepâncias, nos Estados Unidos, um grupo de cristãos, judeus e muçulmanos decidiram pôr em marcha a campanha Heal the Hate («Cura o ódio»). O seu objectivo é promover o respeito e a tolerância na vida pública.

A ideia surgiu quando alguns promotores da campanha - pertencentes ao Washington Peace Center - assistiram a um debate sobre a reforma do sistema de saúde de Obama. As coisas foram aquecendo, acabando alguns legisladores por se insultarem e esmurrarem objectos. Também não faltaram as ameaças ao mais puro estilo Al Capone.

«Já chega! Os discursos e os comportamentos irresponsáveis não podem ter lugar nem nos debates políticos, nem nos meios de comunicação social. Como país, temos de aprender a discordar dos outros sem sermos desagradáveis», explica a *web* da campanha.

Poder-se-ia pensar que aos impulsionadores da Heal the Hate falta vivacidade. Mas a verdade é que estas pessoas sabem do que falam; todos os membros do comité directivo são activistas decididos, que lutam há décadas a favor dos direitos civis em diversos movimentos sociais.

Além disso, organizam campanhas sobre os mais variados temas: contra a guerra do Iraque, a favor dos imigrantes, contra o trabalho precário dos operários, a favor do ambiente, contra a tortura... os seus voluntários tomam conhecimento das manifestações em que participam através do *Activist Alert*, um boletim que chega todas as semanas ao seu correio electrónico.

Outra iniciativa interessante é a Fundación Ciudadanía y Valores, uma instituição independente criada em Espanha para procurar soluções suscitadas pelos problemas sociais concretos num clima de coo-

peração e concórdia. Nascida em 2006, a fundação serve como lugar de encontro entre profissionais de diversas disciplinas, países e tendências políticas. O seu presidente é o catedrático e ex-deputado Andrés Ollero.

Conscientes de que as sociedades democráticas são cada vez mais multiculturais, os seus promotores interrogam-se sobre se será possível descobrir valores permanentes e universais. Longe de encarar a diversidade e o pluralismo social como um obstáculo à convivência, esta fundação impulsiona a reflexão sobre esses valores comuns.

Este jovem *think tank* constitui uma novidade em Espanha, onde actualmente muitos laboratórios de ideias continuam a manter vínculos ideológicos com os partidos políticos ou outras entidades. Ter-se-á de observar como vai evoluir esta fundação e, sobretudo, se conseguirá influir realmente na sociedade. Algo que, diversamente do que acontece nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha, poucos conseguem.

Para o conseguir, a Ciudadanía y Valores utiliza duas ferramentas básicas: os fóruns de debate e os relatórios sobre assuntos de actualidade. Entre as suas principais preocupações estão a promoção dos direitos humanos, o fortalecimento da convivência democrática através dos valores, os problemas relacionados com a mulher, o desenvolvimento sustentável ou a imigração.

Nos debates públicos de grande envergadura, como o aborto, o casamento, a eutanásia ou a educação sexual, exige-se muitas vezes aos crentes que se abstraiam das suas convicções religiosas. Desta forma - argumentam alguns -, todos os cidadãos estarão em condições de chegar a «soluções neutras».

Contra esta abordagem algo simplista, apareceu a Fundación Madrid Vivo, uma iniciativa criada pela sociedade civil, que pretende revitalizar a esfera pública através da religião e dos valores espirituais.

Integrada por católicos, protestantes, judeus e não crentes, a Madrid Vivo tem como objectivo imediato contribuir para organizar o próximo Dia Mundial da Juventude, que se realizará na cidade de Madrid em Agosto de 2011.

Esta plataforma cívica é uma amostra de que «é possível uma laicidade que admite fundamentos de valor e os coloca ao serviço de toda a sociedade, sem imposições nem confessionalismos», explica o advogado Javier Cremades, secretário-geral desta fundação, ao *ABChiperlink* (www.abc.es/20100512/opinion-tercera/madrid-vivo-20100512.html) (12 de Maio de 2010).

Contra o laicismo integrista que procura salvar o cidadão de qualquer influência da religião, Cremades acha que «é necessário para uma democracia plural abrir espaços aos valores religiosos, desde que se atenham às regras procedimentais do jogo democrático».

■ O serviço doméstico masculino, no auge

Um estudo britânico documenta o crescente recurso a homens, em grande parte imigrantes, para fazer reparações no lar.

Na Grã-Bretanha, a percentagem de homens entre o total de pessoas empregadas no serviço doméstico subiu de 17% para 39% nos últimos 20 anos. Este avanço para a paridade sexual não se deve só a haver mais homens contratados para lavar a roupa, fazer a limpeza ou cuidar das crianças, mas ao facto de as famílias recorrerem mais a ajudas externas para as reparações feitas antes pelos maridos. E como sucede com as auxiliares, muito pessoal de manutenção é constituído por imigrantes. Daí que não seja raro ver numa casa, uma filipina a fazer a comida e um romeno a colar cadeiras. A tradicional repartição de tarefas do lar entre os sexos mantém-se em grande parte no sector da ajuda doméstica.

O fenómeno foi estudado por três investigadoras britânicas: Majella Kilkey, da Universidade de Hull, e Diane Perrons e Ania Plomien, da London School of Economics and Political Science (Diane Perrons, Ania Plomien, Majella Kilkey, «Migration and uneven development within an enlarged European Union: Fathering, gender divisions and male migrant domestic services», *European Urban and Regional Studies*, Abril de 2010, 17, pp. 197-215). Um dos seus principais objectivos é detectar as tendências na distribuição do trabalho doméstico e no exercício da paternidade.

O maior recurso a ajudantes masculinos repete o que aconteceu antes com as auxiliares. Após forte baixa do serviço doméstico interno, indisponível para a grande maioria, cresceu o recurso a auxiliares contratadas por horas, para satisfazer as tarefas que as mães com trabalho fora de casa já não tinham tempo de fazer. Agora os auxiliares masculinos substituem o pai, que tradicionalmente fazia os trabalhos comuns. Os serviços que se expandiram não são os de especialistas (canalizadores, electricistas, pintores...) para trabalhos de maior importância, mas os de homens multitarefas que sabem um pouco de tudo.

Mas neste caso, consideram as autoras do estudo, não influi tanto a falta de tempo, mesmo que a semana laboral dos maridos possa ser muito longa. Mudar uma torneira que pinga, arranjar uma lâmpada, pintar portas... eram trabalhos que o marido costumava fazer aos fins-de-semana. Agora, muitos preferem pagar a outros e terem assim mais tempo para actividades de lazer com a mulher e os filhos.

O estudo detecta também outra causa do recente crescimento destes serviços: tornaram-se mais acessíveis para os lares de classe média. Os rendimentos destas famílias não sofreram grande perda com a crise, enquanto que o fluxo de imigrantes processado a partir da Europa Oriental e o aumento do desemprego entre os trabalhadores manuais do país fizeram baixar os salários no sector do trabalho doméstico.

Algumas empresas actuam como agências disponibilizando operários às famílias com uma necessidade. A Hire a Hubby (o nome significa «contrata um marido»), de origem australiana, está activa na Grã-Bretanha há dois anos. Em Espanha, a Reparalia, de início ligada ao grupo FCC e depois comprada pelo grupo britânico HomeServe, faz tanto trabalhos comuns, como emergências e arranjos.

■ A crise passa factura às políticas verdes

Um dos principais efeitos da crise económica global é reordenar as prioridades políticas. Se quando havia dinheiro, a mudança climática e as políticas verdes tinham lugar destacado nos programas, a escassez orçamental levou à marginalização destes objectivos para derradeiras opções.

Mas não foram só governos e parlamentos a diminuir a aposta no verde, também os cidadãos, tendo em conta a situação económica, observam com outros olhos as políticas ambientais. Se, em 2006, 62% dos alemães se preocupavam com o assunto, hoje essa percentagem baixou para 42%. Parece lógico que Ângela Merkel tenha incluído os objectivos ambientais nos últimos cortes do orçamento alemão.

No inquérito de Janeiro do Pew Research Center, os norte-americanos situam a mudança climática no lugar 21 do seu *ranking* de preocupações. Barak Obama arrefeceu os planos de corte de emissões de CO₂. O primeiro-ministro do Canadá, Stephen Harper, catalogou a mudança climática como assunto secundário entre os temas económicos globais e cancelou a reunião de presidentes sobre ambiente, um encontro que havia sempre precedido anualmente, desde 1994, as cimeiras do G8 ou do G20.

Se a percentagem de australianos que considera a mudança climática um assunto fundamental continua a ser importante, apesar de diminuir de 75% para 53%, a desvalorização das políticas verdes na Austrália teve consequências maiores, pois foi um dos motivos da demissão de Kevin Rudd, primeiro-ministro até há alguns meses e principal porta-estandarte destas políticas no panorama político do seu país.

Para Stefan Theil, na *Newsweek*, as políticas verdes podem ser populares quando fazem impulsionar as energias renováveis ou perseguir as empresas poderosas com má reputação; mas são mais difíceis de defender quando levam a mudanças nos modos de vida, tipo conduzir menos um automóvel, ou utilizar menos vezes as piscinas. Há ainda outros motivos pelos quais as políticas verdes perderam inocência desde 2007. No plano político, os projectos verdes exalavam um certo aroma de interesse desonesto. Os biocombustíveis tornaram-se no novo rótulo dos velhos subsídios agrários, tendo-se canalizado 20 000 milhões de dólares anuais para os proprietários das terras, sem isso ter feito baixar o nível de emissões.

A nova sobriedade poderia propiciar um terceiro cenário de políticas ambientais, entre os que vêem a

mudança climática como uma catástrofe a parar a qualquer preço e os que pensam ser o aquecimento global um engano. No novo debate deverá haver mais pragmatismo e uma ampla mistura de políticas .

Parte do dinheiro gasto nas políticas ambientais actuais com uma eficácia limitada, poderia ser gasto melhor, por exemplo, na protecção contra os piores

efeitos do aquecimento. As preocupações económicas actuais lembram que cada dólar gasto em painéis solares ou biocombustíveis é um dólar a menos para a educação ou outras prioridades orçamentais.

(in Newsweek)



Um sonho possível

The blind side

Realizador: John Lee Hancock

Atores: Sandra Bullock, Quinton Aaron

Música: Carter Burwell

Duração: 129 min.

Ano: 2009

Um filme inspirado numa história verídica que valeu o Óscar a Sandra Bullock. Ela interpreta uma mãe de família de elevado estrato social, muito feliz e realizada tanto na sua vida pessoal como profissional. Um dia, ao levar os seus filhos à escola repara num estudante negro, mal aceite pelos colegas e com péssimos resultados escolares. Interpela-o. Quer ajudá-lo. Dá-lhe atenção. Pouco a pouco vai aprendendo a lidar com o rapaz. Cria oportunidades para se poderem conhecer e acaba por compreender todo o contexto em que decorreu o seu passado dramático.

Decide ir falar com os professores e os responsáveis da escola. Perante as suas capacidades desportivas, incentiva-o a integrar-se na equipa escolar de futebol americano. Acompanha-o e motiva-o. Recorre à ajuda do seu filho para a marcação de treinos concretos ao rapaz. Toma nota dos resultados que vai alcançando e são propostos novos exercícios cada vez mais adequados ao fim a alcançar. O seu desempenho melhora, tornando-se indispensável para o sucesso da equipa.

Para progredir nos resultados académicos aceita com relutância ter lições particulares com uma professora. É difícil mas vai aprendendo cada matéria, embora por abordagens e metodologias pouco comuns, o que exige grande dose de paciência à explicadora... mas os resultados na posterior avaliação são positivos. Os outros professores começam então a empenhar-se igualmente com um maior entusiasmo. Ele passa nos exames e consegue ser admitido numa universidade e na respectiva equipa desportiva.

O *happy end* final revela como a realidade é mais forte que a ficção... Ser bom é recompensador e de facto, este filme constitui uma prova disso mesmo: retratar pessoas comuns a fazer boas acções é altamente rentável, visto tratar-se de um projecto cinematográfico que teve custos no valor de cerca de 30 milhões e já conseguiu obter lucros superiores a 255 milhões.

Tópicos de análise:

1. Cada decisão deve ser avaliada depois de executada.
2. O esforço potencia-se se estiver assente numa estratégia coerente.
3. Um objectivo final é susceptível de se poder alcançar através de pequenas vitórias intermédias.
4. Contar com o apoio dos outros estimula o desenvolvimento da competência e do desempenho individual.